



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2025.1.48458>

## ARTIGOS

## Memórias dilaceradas: o sujeito-operador e o impacto do trauma em *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes

*Shattered Memories: The Subject-Operator and the Impact of Trauma in Os cus de Judas*, by António Lobo Antunes

*Memorias destrozadas: el sujeto-operador y el impacto del trauma en Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes

Éder Cabral<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0002-3393-8340](https://orcid.org/0000-0002-3393-8340)  
[edercabral@feevale.br](mailto:edercabral@feevale.br)

Daniel Conte<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0002-4251-3299](https://orcid.org/0000-0002-4251-3299)  
[danielconte@feevale.br](mailto:danielconte@feevale.br)

Recebido em: 30 jun. 2025.

Aprovado em: 29 set. 2025.

Publicado em: 27 nov. 2025

**Resumo:** Este artigo analisa a figura do "sujeito-operador" em *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes, explorando as complexas dinâmicas do trauma colonial e da marginalização dos ex-combatentes, representados pelo narrador-protagonista. O texto discute como essa personagem, inserida em um contexto de guerra, é silenciada e invisibilizada pela sociedade portuguesa, que nega suas experiências e memórias. A monumentalização do sofrimento humano é confrontada pela rejeição do reconhecimento, evidenciando as feridas deixadas pelo colonialismo. O sujeito-operador emerge como uma figura híbrida, simbolizando a luta entre técnica, poder e o impacto da guerra na identidade e nas relações sociais. Em uma abordagem interdisciplinar, baseada em uma análise crítica literária e na reflexão teórica, o estudo dialoga com teóricos relevantes, tais como Alain Wisner, Gayatri C. Spivak, George Canguilhem, Giorgio Agamben, Roberto Vecchi e Yves Schwartz, formando uma base para investigar as dinâmicas de memória, trauma e identidade, enfatizando o esquecimento e a marginalização dos ex-soldados na sociedade pós-colonial.

**Palavras-chave:** sujeito-operador; *Os cus de Judas*; trauma colonial; memória; invisibilidade; marginalização.

**Abstract:** This article analyzes the figure of the subject-operator in *Os cus de Judas* (*Land at the end of the world: a novel*), by António Lobo Antunes, exploring the complex dynamics of colonial trauma and the marginalization of ex-combatants, as represented by the narrator-protagonist. The text discusses how this character, situated in a context of war, is silenced and rendered invisible by Portuguese society, which denies his experiences and memories. The monumentalization of human suffering is confronted by the refusal of recognition, exposing the wounds left by colonialism. The subject-operator emerges as a hybrid figure, symbolizing the struggle between technique, power, and the impact of war on identity and social relations. Through an interdisciplinary approach grounded in critical literary analysis and theoretical reflection, the study engages with relevant theorists such as Alain Wisner, Gayatri C. Spivak, George Canguilhem, Giorgio Agamben, Roberto Vecchi and Yves Schwartz, providing a foundation to investigate the dynamics of memory, trauma, and identity, with an emphasis on the erasure and marginalization of former soldiers in postcolonial society.

**Keywords:** Operating-subject; *Os cus de Judas*; Colonial trauma; Memory; Invisibility; Marginalization.

**Resumen:** Este artículo analiza la figura del sujeto-operador en *Os cus de Judas* (*Tierra al fin del mundo: una novela*), de António Lobo Antunes, explorando las complejas dinámicas del trauma colonial y la marginación de los excombatientes, representadas por el narrador-protagonista. El texto examina cómo este personaje, situado en un contexto bélico, es silenciado e invisibilizado por la sociedad portuguesa, que niega sus experiencias y memorias. La monumen-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

talización del sufrimiento humano se enfrenta a la negativa del reconocimiento, lo que revela las heridas dejadas por el colonialismo. El sujeto-operador surge como una figura híbrida que simboliza la tensión entre técnica, poder y los efectos de la guerra sobre la identidad y las relaciones sociales. A través de un enfoque interdisciplinario, fundamentado en el análisis literario crítico y la reflexión teórica, el estudio dialoga con pensadores como Alain Wisner, Gayatri C. Spivak, George Canguilhem, Giorgio Agamben Roberto Vecchi y Yves Schwartz, ofreciendo una base para investigar las dinámicas de la memoria, el trauma y la identidad, con énfasis en el borramiento y la marginación de los exsoldados en la sociedad poscolonial.

**Palabras clave:** sujeto-operador; *Os cus de Judas*; trauma colonial; memoria; invisibilidad; marginación.

— *Merda de país de merda — declarei eu para o chauffeur, o qual me respondeu com um soslaio desconfiado no retrovisor que lhe reduzia o rosto a um par de pupilas miúdas e hostis, a que o espelho conferia a agudeza protuberante dos reflexos metálicos* (Lobo Antunes, 2007, p. 84).

### À guisa de ambientação histórica

A partir de 1870, o movimento revolucionário republicano em Portugal ganhou força, impulsionado pelo Tratado de Berlim, pelo ultimato britânico, que abalou profundamente o prestígio da monarquia, e pelas ideias progressistas difundidas pela pequena burguesia, que mobilizavam amplas camadas da população trabalhadora. Nesse cenário, o Partido Republicano saiu vitorioso nas eleições de 1910. Deslegitimada e enfraquecida, a monarquia recorreu a uma ditadura explícita. No início de outubro, com a adesão de setores das Forças Armadas e a crescente pressão popular, as guarnições leais ao regime monárquico foram neutralizadas. O rei fugiu para o exílio, e o Partido Republicano assumiu o controle do Estado. Assim, em 5 de outubro de 1910, a república foi proclamada em Portugal, resultado direto do colapso político-monárquico. A instauração da república representou a primeira tentativa de implantar uma democracia parlamentar em Portugal, fundamentada na laicidade do Estado e na rejeição à influência da Igreja Católica. Essa separação visava romper com a aliança histórica entre a monarquia constitucional e a Igreja, em que a religião era instrumentalizada para legitimar o poder real. Os republicanos, por sua vez, preten-

diam enfraquecer o papel da Igreja e neutralizar seu apoio remanescente ao regime anterior. Contudo, nas colônias africanas, as práticas de exploração permaneceram inalteradas. Portugal adotava uma política voltada à manutenção do império colonial a qualquer custo e, assim, evidenciava-se a ausência de intenções genuínas de conceder autonomia ou integração às colônias. A administração portuguesa se estendia por três continentes e dois arquipélagos, o que mantinha um sistema marcado pela segregação racial, pela violência administrativa e, ainda, pela objetificação do sujeito colonizado. Internamente, os interesses capitalistas voltados à exploração da mão de obra e dos recursos africanos encontraram dificuldades diante da crise econômica herdada da monarquia. Politicamente, tentava-se adaptar o sistema às novas demandas, mas o governo republicano não conseguiu implementar reformas significativas em benefício da classe trabalhadora. A redução da jornada de trabalho só foi conquistada em 1919, e os trabalhadores rurais sequer foram contemplados com propostas. O descontentamento cresceu ainda mais com a reforma eleitoral que excluiu a maioria da população (mulheres, analfabetos e militares em serviço) do direito ao voto, frustrando as expectativas de uma democracia ampla e efetiva. Embora o novo regime não tenha cumprido suas promessas, a relativa abertura política permitiu o surgimento e o fortalecimento de movimentos populares. Greves se tornaram frequentes e a repressão aumentou. Foi nesse contexto que surgiu o Integralismo Lusitano, corrente política conservadora que rejeitava a república democrática e parlamentar. Embora sem grande repercussão ideológica, esse movimento abriu caminho para a ascensão do fascismo. Com o apoio do empresariado, dos latifundiários e da alta hierarquia da Igreja, foi articulado um golpe de Estado que instaurou uma ditadura militar. O parlamento foi fechado, a imprensa censurada, os partidos dissolvidos e os representantes eleitos foram destituídos, desmantelando as instituições democráticas e preparando o terreno para um regime autoritário.

A ditadura militar foi a resposta das elites para conter os movimentos populares e reorganizar a economia em benefício próprio. No entanto, os resultados foram desastrosos: a dívida interna aumentou, o déficit público cresceu e a crise econômica se agravou. Em meio ao caos, Salazar assumiu o controle das finanças e implantou um projeto autoritário e centralizador, de viés, obviamente, fascista. Embora tenha conseguido equilibrar o orçamento, esse feito veio acompanhado da consolidação de um regime ditatorial, sustentado por uma ideologia autoritária, que moldou o Estado Novo. Esse regime se consolidou mesmo sem respaldo popular, mantendo-se graças ao apoio dos setores mais conservadores e imperialistas do capital financeiro. A repressão e o controle absoluto asseguraram a manutenção do poder e do exercício administrativo de crudelização das operações econômicas, enquanto a concentração de renda e propriedade era garantida pela ação direta do Estado, que reprimia politicamente e explorava socialmente a classe trabalhadora, tanto em Portugal quanto nas colônias. Nas possessões africanas, o trabalho forçado continuou e muitos trabalhadores eram enviados a países vizinhos – como no caso de Moçambique, cuja economia dependia da migração para a África do Sul. Além disso, terras coloniais foram cedidas a empresas estrangeiras, intensificando a exploração e tornando transversal o fluxo dos lucros oriundos da espoliação. O regime português, tanto na metrópole quanto nas colônias, operava à luz de um projeto fascista que mascarava a prática exploratória por meio da legalidade estatal. Na fase final do regime, o distanciamento entre o governo e a população se acentuou, enquanto a comunidade internacional condenava o colonialismo português, cada vez mais anacrônico e extemporâneo. A tentativa de manter o império colonial a qualquer custo levou à repressão violenta das demandas por liberdade nas colônias, desencadeando as guerras de libertação.

Esse contexto de repressão e isolamento político não somente marcou profundamente o imaginário coletivo português, como também

produziu uma série de traumas entre os soldados enviados à África, cujo sofrimento raramente foi reconhecido oficialmente após o fim da guerra. A literatura, assim, tornou-se um dos poucos espaços possíveis para a elaboração simbólica dessas experiências. Em *Os cus de Judas*, Lobo Antunes concebe um narrador que retrata esse cenário pela perspectiva dos soldados enviados à África, o que revela o impacto psicológico e político do conflito por meio da literatura.

O envolvimento do capital imperialista nas colônias e em Portugal aumentou drasticamente, até 21 vezes mais do que na década anterior, aprofundando a crise econômica e limitando investimentos na metrópole. Em 1961, o levante em Angola deu início à guerra colonial, que consumiu cerca de 40% do orçamento português e mobilizou milhares de jovens. A resistência à guerra cresceu, especialmente entre os jovens forçados a combater por uma causa considerada injusta e ultrapassada. O descontentamento se alastrou entre os militares, que começaram a questionar seu papel nas colônias. Enquanto isso, os movimentos de libertação africanos se fortaleciam em todos os aspectos em Angola, Moçambique e em Cabo Verde. O avanço do sentimento nacionalista nas colônias, fomentado pela guerra e pelo imperialismo europeu, tornou inevitável o confronto. O próprio exército português passou a debater a legitimidade do conflito e as mudanças necessárias. Internamente, a grave crise econômica acentuava as críticas ao regime, refletindo-se na crescente mobilização popular. Como resposta, o governo intensificou a exploração: salários foram corroídos pela inflação e uma dura reforma tributária foi imposta. A reação africana se organizou por meio de sindicatos e cooperativas, que passaram a reivindicar maior participação nas riquezas produzidas na região. O colapso do regime era cada vez mais evidente, abrindo espaço para a oposição democrática.

Na tentativa de salvar o fascismo em nome de Deus, da família e da propriedade, Portugal buscou apoio das potências imperialistas para manter a guerra colonial. Com a saúde debilitada, Salazar foi substituído por Marcelo Caetano, que

tentou implementar reformas tímidas, como a proclamação da "autonomia política" das colônias, que passaram a ser chamadas de "Estados". Os conflitos, ainda assim, intensificaram-se, impulsionados pela crescente mobilização popular. As manifestações continuaram sendo violentamente reprimidas, o que demonstra que as reformas não passavam de manobras para conter a oposição. O isolamento internacional de Portugal se agravava e a oposição democrática ganhava forças até então não percebidas no ambiente político da pequena casa portuguesa. Até mesmo a Igreja Católica, antiga aliada do regime, começou a adotar uma postura crítica, sinalizando a decadência do fascismo. Entre 1968 e 1969, a oposição se rearticulou com o apoio da população e da resistência às guerras coloniais. Os sinais de ruptura começaram a surgir. Na madrugada de 25 de abril de 1974, uma senha transmitida pela rádio oficial deu início ao levante militar. Tropas se mobilizaram, tanto em Portugal quanto nas colônias, e floristas da Praça do Rossio, em Lisboa, ofereceram cravos vermelhos aos soldados, simbolizando a Revolução que emergia naquele então. Com esse gesto pacífico e poderoso, o regime fascista terminou, a democracia foi restaurada, e a dignidade do povo português iniciou um processo histórico de (re)existência.

### Identidade e memória no contexto da guerra colonial portuguesa

Em seu artigo sobre a obra *Comissão das Lágrimas*, de António Lobo Antunes, Roberto Vecchi (2021) explora a "monumentalização do nome" e as "sobrevivências" que estão presentes na narrativa. Para Vecchi, apoiado em Adachiara Zevi (2014) e Wolfgang Sofsky (1998), a monumentalização do nome é o processo pelo qual

certas experiências, certos sujeitos ou certos eventos, de caráter *tremendum horrendum*<sup>2</sup>, como o concebemos, são elevados ao *status* de algo de importância histórica pelo estrato dominante ou autoridades da sociedade. Esse processo pode se manifestar de forma explícita, por meio de memorializações formais, ou de maneira implícita, via criação de narrativas que restauram a memória perdida. Em contraste, *Os cus de Judas* também lida com o silenciamento e o esquecimento dos nomes, mas de uma forma fantasmagórica, sardônica e trágica.

Se, por um lado, em *Comissão das Lágrimas*, Vecchi mostra que a monumentalização do nome é uma espécie de tentativa de visibilidade às vezes que foram silenciadas ou apagadas pela sociedade pós-colonial, por outro lado, em *Os cus de Judas*, a "monumentalização" não ocorre de maneira explícita ou heroica. Está totalmente pelo avesso, o nome e a identidade dos atores portugueses retornados da guerra colonial são diluídos em memória e se tornam uma espécie de fantasmagoria. A guerra se torna um fardo existencial e os combatentes, ao retornarem à sociedade civil, enfrentam a incompreensão e o desprezo. Os nomes do ex-combatentes não são celebrados; em vez disso, são ignorados e suas identidades se fragmentam, formando um coletivo inconveniente, calado e capilarizado no imaginário lusitano de uma guerra perdida. Nessa narrativa, a destruição da experiência, por assim dizer, converte-se em força criadora, dando lugar à elaboração de um texto que busca trabalhar o trauma e instaurar um mundo outro – mediado esteticamente por um tom testemunhal, no qual a memória tenta restituir sentido ao vivido. Pode-se afirmar, ainda, que é uma ilusão autobiográfica, indo ao encontro com o proposto por Sandra

<sup>2</sup> Em síntese, o conceito de *tremendum horrendum*, de Paul Ricoeur (1997), enfatiza uma causa que merece ser defendida, mesmo estando repleta de horror. Nesse horizonte, *Os cus de Judas* pode ser compreendido como uma forma literária do *tremendum horrendum*, conceito que Ricoeur recupera a partir do *mysterium tremendum et fascinans* de Rudolf Otto (2007), mas deslocando-o da esfera do sagrado para a esfera ética da história das vítimas. O horror, segundo Ricoeur (1997), é o negativo da admiração; ele não é apenas o contrário da beleza, senão o avesso da veneração, e é nesse avesso que a narrativa de Lobo Antunes se inscreve. Ao fazer emergir o trauma invisibilizado dos sujeitos-operadores da guerra colonial, o romance rejeita qualquer estetização triunfante da dor. Em vez disso, constrói uma narrativa do assombro e da dilaceração, na qual a linguagem busca justamente dar forma ao que escapa à fala ordinária. A experiência da guerra, da exclusão e do retorno à indiferença civil portuguesa é, nesse sentido, o núcleo do *horrendum*: aquilo que deve ser lembrado precisamente porque ameaça ser esquecido. Se, como diz Ricoeur (1997, p. 325), "o horror está ligado a acontecimentos que é necessário nunca esquecer", *Os cus de Judas* se afirma como resistência literária à mudez histórica, um contradispositivo que mobiliza o literário como gesto ético, político e memorial.

Sousa (2023) em *Memórias autobiográficas: de Os Cus de Judas a Caderno de memórias coloniais*, quando afirma que estão as operações de vida, ali, plasmadas na ficção dos autores.

Portanto, o conceito de *monumentalização do nome* elaborado por Vecchi ganha uma nova leitura, pois enquanto, em algumas narrativas pós-coloniais, as experiências de guerra são valorizadas e seus personagens são reconhecidos, em *Os cus de Judas* essa mesma experiência de sofrimento e violência é constantemente rejeitada. As experiências do narrador-protagonista correm risco de, silenciosamente, serem apagadas da memória coletiva, tornando-se, assim, uma "sobrevivência" – uma memória persistente, contudo negada.

Neste artigo, apresenta-se um conceito embrionário e que carrega uma significativa potência para que se vislumbre a literatura de Lobo Antunes: o de sujeito-operador, o qual se circunscreve na esfera da economia, da política e do mundo do trabalho. Tais esferas compõem um nó borromeano de grande complexidade e essencial na vida da sociedade, ainda mais quando o contexto de produção da narrativa explicita os resíduos e os aspectos trágicos do colonialismo português. Para isso, convocam-se teóricos do mundo do trabalho e do pós-colonialismo, propondo um diálogo orgânico, crítico e reflexivo entre literatura e os campos conceituais ora mobilizados.

### Sujeito-operador: um constructo interdisciplinar para compreender as dinâmicas de trabalho, poder e trauma em cenários de conflito

O sujeito-operador é imagem. Uma ilustração conceitual do que se pode entender não por uma barra separadora, *sujeito/operador*, mas como uma figura híbrida, *sujeito-operador*, em que duas instâncias estão em articulação entre trabalho, técnica e poder. Assim, o sujeito-operador é crucial para refinar a análise crítica do trabalho e da subjetividade em contextos extremos, como o

da guerra colonial rememorada em imagens íntimas na narrativa de *Os cus de Judas*. A distinção entre sujeito-operador e sujeito/operador não é meramente gráfica: ela carrega implicações epistêmicas, políticas e antropotecnológicas profundas. O hífen indica fusão ontológica e funcional: o sujeito não é reduzido à sua função operacional. Sempre carrega sua subjetividade. Mas, neste caso, já não é mais um sujeito pleno, pois há nele uma extensão de um dispositivo técnico, militar (ou produtivo). A subjetividade é fragmentada e, assim, esse sujeito-operador é aquele cuja existência é capturada por uma lógica instrumental bélica e seu corpo, sua memória e sua ética são subordinadas à função técnica que executa, mas deixando rastros de trauma<sup>3</sup>.

O narrador-protagonista é um médico, um sujeito preparado para atuar em um contexto pacífico, mas destoa de seu universo quando é posto em um contexto bélico, no qual comia a mesma "merda" e sentia o mesmo "medo" como os outros combatentes, como se observa no excerto a seguir:

Passamos vinte e sete meses juntos nos cus de Judas, vinte e sete meses de angústia e de morte juntos nos cus de Judas, nas areias do Leste, nas picadas dos Quiocos e nos girassóis do Cassanje, comemos a mesma saudade, a mesma merda, o mesmo medo, e separamo-nos em cinco minutos, um aperto de mão, uma palmada nas costas, um vago abraço, e eis que as pessoas desaparecem, vergadas ao peso da bagagem, pela porta de armas, evaporadas no redemoinho civil da cidade (Lobo Antunes, 2007, p. 194).

Sua narrativa "esteticiza", por assim dizer, o trauma, elencando os signos ao rol de serem constructos de uma materialidade que organiza o entendimento da realidade. Logo depois é dispensado com um "vago abraço". Este é o sujeito-operador: essencial quando útil, descartável quando não. Tem como lógica dominante a fusão e a instrumentalização; sua subjetividade é fragmentada e a implicação política explícita é a que seu corpo usado e descartado. Nesse

<sup>3</sup> Alain Wisner (1992), quando trata da redução antropotecnológica do corpo em situações-limite (por exemplo, guerra ou fábrica); Agamben (2010), com a figura do *homo sacer*, que vive, mas não tem valor político pleno; Foucault (2014), com o conceito de *corpo dócil*, moldado para ser útil e obediente, por exemplo.

excerto, nota-se que o conceito de *homo sacer*<sup>4</sup>, de Giorgio Agamben (2010), também se aplica, pois descreve o soldado que é reduzido a um corpo desprovido de valor, exceto para cumprir uma função específica do Estado. Agamben (2010, 2004), em vários de seus escritos, discute como o Estado de exceção transforma o sujeito em uma figura exposta, cuja vida é reduzida a uma função de serviço ao poder soberano.

A guerra relatada em *Os cus de Judas* é a Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974), também chamada de Guerra do Ultramar, conflito travado entre Portugal e os Movimentos de libertação das colônias africanas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Por sua vez, o narrador do romance é um médico-militar enviado para Angola, onde testemunha o absurdo da guerra, a violência, o medo e o impacto psicológico nos soldados portugueses. Em suma, a narrativa exhibe literariamente a frustração e o desencanto de uma geração forçada a lutar em uma guerra sem sentido, a qual fora imposta pelo regime salazarista para tentar manter as colônias sob domínio português. Nessa ordem, a obra é uma crítica feroz ao colonialismo e à experiência traumática dos combatentes, abordando o sofrimento, a desconexão com a realidade e o impacto duradouro da guerra na identidade dos soldados.

À luz de Alain Wisner (1992), teórico da ergonomia da atividade, pode-se apontar que um sujeito-operador é aquele que interage com sistemas técnicos e organizacionais no mundo do trabalho. Para adentrar nas nuances desse sujeito-operador da narrativa de Lobo Antunes, é preciso sugerir que ele seria um sujeito diferente da abordagem operatório-mecanicista, em que o trabalhador é visto como um mero executor de tarefas. Wisner (1992), dessa maneira, auxilia a ver o operador como um agente ativo que adapta e transforma o sistema técnico para lidar com desafios reais do trabalho, pelo qual perpassa

sua subjetividade. Para o teórico, o trabalho real não se resume a seguir ordens; trata-se, antes, de uma negociação constante entre as exigências do sistema técnico e a capacidade de adaptação do operador, que tem um impacto sociocultural e econômico, considerando que ele não atua isoladamente, porque faz parte desse sistema que determina sua margem de manobra e suas condições de trabalho; uma vez que "[...] [t]oda máquina é cultural. Toda pessoa ou grupo de pessoas que concebe um sistema técnico o faz levando em consideração um uso que se fará, em condições e por pessoas que ele imagina ou crê conhecer" (Wisner, 1992, p. 29). No entanto, é importante registrar que a guerra é um campo laboral pleno de imprevisibilidades. A morte e o medo, afinal, podem aparecer a qualquer momento e as consequências imprevistas caem onde querem e podem ecoar por um tempo indeterminado, ou melhor, podem assombrar o receptáculo da memória dos sobreviventes.

Ao aplicar esse conceito ao narrador-protagonista de *Os cus de Judas*, pode-se percebê-lo como um sujeito-operador da guerra colonial, que não apenas segue ordens, mas encontra formas de lidar com a realidade caótica do conflito, confrontando diretamente a inadequação dos sistemas técnicos e logísticos portugueses à realidade africana. Para Wisner (1992, p. 30), "[...] [o] cérebro e o corpo humano são pouco modificáveis, apesar do treinamento e da aprendizagem. É necessário conhecer as características do homem e seus limites para conceber ferramentas que ele possa utilizar eficazmente". Como poderia um médico atravessar uma guerra e seu exercício não entrar em uma dualidade extrema? Aqui, há um sujeito que se encontra entre o espaço de sobrevivência e salvamento. Nesse sentido, as ferramentas já não são eficazes no campo de batalha, pois o corpo-si<sup>5</sup> (Schwartz, 2014) absorve não apenas o disparo da arma, mas também as

<sup>4</sup> O *homo sacer*, ente que aparece no direito romano, é caracterizado pelo sujeito que pode ser banido e executado sem que alguém seja responsabilizado pela sua morte. Para ceifar sua vida, não é necessário ritual algum, pois ele não é digno de ser ofertado aos deuses, devido ao banimento de sua cidadania pelo poder soberano.

<sup>5</sup> Louis Durrive e Yves Schwartz (2008) afirmam que o trabalho não pode ser concebido sem aquele que o realiza. No entanto, é difícil nomear esse sujeito, pois isso implicaria supor que ele está claramente delimitado. A atividade laboral, embora conduzida por um indivíduo concreto, em "carne e osso", inscreve-se em processos neuro-sensitivos e relacionais de grande complexidade, ultrapassando a dimensão puramente física. Nessa perspectiva, o ato de trabalhar envolve o social, o psíquico, o institucional, as normas,

visões sangrentas, além de portar uma memória traumática.

Há pouca coisa em que ainda acredito e a partir das três da manhã o futuro reduz-se às proporções angustiantes de um túnel onde se penetra mugindo a dor antiga que se não consegue sarar, antiga como a morte que dentro de nós cresce, desde a infância, o seu musgo pegajoso de febre, convidando-nos à inação dos moribundos [...] (Lobo Antunes, 2007, p. 73).

Aqui, o narrador reconhece que a guerra desconstrói a possibilidade de ação significativa e ética, transformando a sua existência em uma sequência de gestos sem valor, exceto pela manutenção de operação da vida. O conceito de *sujeito-operador*, como aqui desenvolvido, ajuda a entender como as experiências dos soldados são estruturadas dentro de uma configuração de trabalho e de ação, os quais têm sua experiência moldada pelo contexto sociocultural e pelas exigências materiais. Em *Os cus de Judas*, os ex-combatentes são sujeitos-operadores da guerra colonial, porém suas experiências são transformadas pela violência, pelo sofrimento e pelo desamparo ao retornarem à sociedade, o que pode ser entendido como algo previsto, ignorando as consequências e os impactos no âmbito psíquico, psicológico, biológico, fisiológico, cultural e social.

Além de Wisner, Yves Schwartz (2014), filósofo e um dos pioneiros da abordagem ergológica, pode agregar que um sujeito-operador é um corpo-si, que traz tríplice ancoragem: biológica, histórica e singular, que normalmente desempenha dentro de uma lógica de produção. O médico, como sujeito-operador colonial, opera na lógica da guerra e do trauma. Assim, em *Os cus de Judas*, o ex-combatente retorna como um sujeito que não encontra mais um lugar na sociedade. O sujeito-operador da guerra, que no campo de batalha absurdamente apenas executaria ordens e ações, ao retornar para uma suposta paz, é negado pela sociedade civil portuguesa. Sua experiência, que deveria ser reconhecida, cuidada, acolhida e reintegrada, é silenciada – não há

monumentalização, são lançados ao abandono, passam a significar no tempo de uma não referência do Estado. O sofrimento, a memória e as experiências desses sujeitos-operadores são invisibilizadas, como se a guerra e suas marcas não existissem mais, nem na esfera biológica, histórica e singular.

O médico, narrador-protagonista de *Os cus de Judas*, é uma figura que está tanto distante quanto diretamente envolvida no sofrimento humano naquele contexto bélico. A sua função de curar e tratar contrasta com o sofrimento generalizado causado pela guerra, o que evidencia uma condição singular da sociedade contemporânea: a esquizofrenia gestada pelo contraste entre desempenho e satisfação, consoante Byung-Chul Han (2017). O conceito de sujeito-operador se aplica aqui, pois o narrador, na condição de médico, não está apenas no papel de agente passivo do sofrimento, pois também atua como alguém que manipula, interfere e tenta dar sentido ao caos bélico. Contudo, como qualquer operador, ele está imerso em um sistema que questiona e subverte seus próprios valores, tornando sua posição muito mais ambígua e marcada pela incompletude. Observa-se, nesse sentido, o ex-certo a seguir:

E foi precisamente esta criatura nefasta, de que as órbitas globulosas de prefeito ou de cura me reprovaram da parede, recusando-me mesmo a absolvição dúbia que paira como um halo nos sorrisos amarelos dos retratos antigos, que construiu, ou dirigiu a construção, ou concebeu a construção, ou concebeu e dirigiu a construção do caminho de ferro em que seguíamos, de rebenta-minas na dianteira, chocalhando numa planície sem princípio nem termo, mastigando as conservas da ração de combate num desapetite em que morava já o medo pânico da morte, que durante vinte e sete meses cresceu na umidade das minhas tripas os seus cogumelos esverdeados (Lobo Antunes, 2007, p. 34).

Ao se deparar com as vítimas da guerra e com o sofrimento dos outros, o médico enfrenta a tensão entre sua função de curador e o impacto emocional que a guerra tem sobre ele. Dessa

maneira, não é completamente imune à aflição e à dor alheia, mas também não pode se envolver emocionalmente de maneira plena, um gesto praticamente impossível. Nesse sentido, ele fica fragmentado (-), já que não pode conciliar as exigências de sua profissão com a realidade brutal que encontra.

As "singularidades quaisquer", proposta por Roberto Vecchi (2021), baseado nos conceitos de Agamben, a partir d'*A comunidade que vem* (1993), repercutem aqui, uma vez que o narrador é forçado a lidar com a incompletude de sua compreensão da dor humana e seu papel como médico o coloca em uma posição de "não totalidade", em que a resposta para a guerra e o trauma parece sempre fugir de sua capacidade de processamento, até que decide revelar os fantasmas de uma vida toda, antes e após a guerra, para uma ouvinte, de maneira não linear, Sofia.

E saio deste aquário de azulejos como sai do quartel da PIDE, em que os prisioneiros sachavam a lavra dos agentes inclinando-se para a terra em curtos gestos moles de cadáveres, sem a coragem de um grito de indignação ou de revolta, a acabar de cumprir esta noite como outrora cumpri, sem protestar, vinte e sete meses de escravidão sangrenta, saio para o corredor, Sofia, apago a luz, e recomeço a sorrir a gargalhada fradesca, filha-da-puta, desprovida de júbilo, do chefe de brigada junto ao *Land-Rover*, descerrando os dentes enormes numa satisfação de hiena. Porque foi nisto que me transformei, que me transformaram, Sofia: uma criatura envelhecida e cínica a rir de si própria e dos outros o riso invejoso, azedo, cruel dos defuntos, o riso sádico e mudo dos defuntos, o repulsivo riso gorduroso dos defuntos, e a apodrecer por dentro, à luz do uísque, como apodrecem os retratos nos álbuns, magoadamente, dissolvendo-se devagarinho numa confusão de bigodes (Lobo Antunes, 2007, p. 156).

Para seguir o debate do conceito de sujeito-operador, nota-se que o médico, em *Os cus de Judas*, não somente é um representante do Estado colonial, como também está envolvido diretamente no cenário de violência da guerra. Assim, ele é simultaneamente sujeito-operador de um poder colonial e uma vítima desse sistema, o que provoca uma ruptura interna (/), uma espécie de resistência não apenas ao sistema colonial, mas também à totalidade de seu pa-

pel. Ele, portanto, é um sujeito-operador que não apenas manipula, como também sofre as consequências de sua inserção na guerra. Essa resistência não é tanto uma ação explícita contra a violência, mas uma forma de resistência ao impacto da totalidade do sistema colonial que o envolve, algo que é perceptível na maneira como o narrador lida com seu trauma e sua desconexão social ao longo da obra.

Se a fragmentação da identidade do narrador é acentuada por sua função de médico, ele é obrigado a ver e lidar com a dor e a morte, e precisa manter uma certa distância para desempenhar sua função. Esse distanciamento, porém, não é suficiente para impedir o trauma, o qual se manifesta em sua subjetividade, fragmentada devido às suas operações na guerra, e nas suas dificuldades de adaptação à realidade pós-colonial.

Uma agitação de silhuetas e de vozes borbulhou na sanzala, aproximou-se, tomou forma: os meus tios, os meus irmãos, os meus primos, o *chauffeur* da avó, afetado e delicadíssimo, os sujeitos da risca na orelha, o caseiro, o senhor doente da poltrona, fardados, exaustos, sujos, de arma ao ombro, chegavam de uma operação na mata e dirigiam-se para a enfermaria transportando, num pano de tenda entre dois paus, o meu corpo desarticulado e inerte com um garrote na cosa reduzida a um inchaço ensanguentado (Lobo Antunes, 2007, p. 115).

A "comunidade", por assim dizer, do narrador é feita de fragmentos de experiências e sensações desconectadas, uma condição de incompletude que é claramente plasmada na narrativa. O médico é um sobrevivente, mas de que evento? A "sobrevivência", no pensamento de Vecchi (2021), refere-se às memórias que permanecem, apesar de o reconhecimento social e político dessas experiências ser negado. Os ex-combatentes retornam da guerra com marcas profundas, e a sociedade portuguesa não está disposta a confrontar essas cicatrizes. Em vez de serem aceitas, as memórias dos soldados se tornam inexpressivas e invisibilizadas para a manutenção da ordem moral e operacional do Estado. A rejeição do passado dos soldados demonstra a incapacidade da sociedade de lidar com o sofrimento, com o legado visceral e fan-

tasmagórico da guerra colonial. O eco das suas memórias, como sobrevivência, é o que resta da experiência da guerra, isto é, um eco que resiste ao esquecimento, contudo sem a legitimidade de ser contado social e culturalmente.

O colonialismo português em África, que é um tema central em *Os cus de Judas*, está plasmado diretamente nas ações bélicas descritas no romance. A guerra colonial, como expressão do colonialismo português, é um instrumento de dominação e exploração, tendo por principais objetivos a manutenção do controle sobre os territórios coloniais e a extração de recursos. Assim, o colonialismo português não se restringe à ocupação de terras: diz respeito também à subordinação de povos, ao deslocamento de suas culturas e à apropriação de suas riquezas. A guerra, então, torna-se uma ferramenta para preservar e reforçar esse poder colonial, uma empresa do Estado fascista de Salazar, que se utiliza dos soldados portugueses como sujeitos-operadores, instrumentos de uma lógica de dominação e de exploração econômica.

No entanto, há um paradoxo evidente que emerge ao se analisar os efeitos dessa guerra: enquanto os soldados são usados como peças dentro da maquinaria colonial, após cumprirem seu papel bélico, são marginalizados pela sociedade portuguesa, evidenciando a descartabilidade laboral. O paradoxo está em como a lógica colonial e a lógica econômica de exploração se conectam com o esquecimento social dos soldados, que são considerados resíduos indesejados dessa guerra.

A figura do sujeito-operador, tendo em vista os pensamentos de Alain Wisner, Giorgio Agamben, Georges Canguilhem e Yves Schwartz, é fundamental para entender o papel dos ex-combatentes no pós-guerra colonial. Isso porque não foram apenas operários da guerra, mas também pessoas cujos corpos-si são utilizados em função de uma estrutura social e econômica maior.

Fardado, com um saco cheio de livros ao ombro e outro de roupa na mão, Lisboa ergue perante mim a sua opacidade de cenário intransponível, subitamente vertical, lisa, hostil, sem que nenhuma janela abra, diante dos meus olhos

sequiosos de repouso, côncavos favoráveis de ninho. O trânsito roda majestosamente na Rotunda da Encarnação, numa indiferença puramente mecânica que me exclui, os rostos na rua deslizam ao lado do meu num alheamento absoluto, em que qualquer coisa da inércia geométrica dos cadáveres se insinua. A minha filha de olhos verdes deve, com certeza, considerar-me um estranho indesejável, deitando ao lado da mãe o estreito corpo supérfluo. A vida dos meus amigos, que se programou sem mim na minha ausência, acomodar-se-á a custo a este ressuscitar de Lázaro desnordeado, que reaprende penosamente o uso dos objetos e dos sons (Lobo Antunes, 2007, p. 194-195).

O sujeito-operador, ao voltar à sua terra natal, é rejeitado pela sociedade. Seu corpo(-si), antes necessário no campo de batalha, torna-se agora estranho e malquisto. A concepção epistêmica de Canguilhem (2009) sobre o normal e o patológico ajuda a entender esse processo, no qual a experiência da guerra transforma o corpo do soldado em um corpo patológico, incapaz de se inserir novamente no contexto social civil. O que de fato se configura no trecho anterior é uma metáfora do desenraizamento, uma vez que expressa a perda de pertencimento, de identidade ou de conexão com um lugar, cultura, história ou mesmo consigo próprio. O retorno do sujeito-operador ao espaço civil é descrito como um encontro com a hostilidade e a indiferença. A cidade, personificada e intransponível, torna-se opaca, vertical, lisa; um cenário que não se abre para acolhê-lo. Tudo que está no excerto literário anterior demarca a tentativa falha de reinserção. O mencionado trecho evidencia o colapso do vínculo entre o sujeito e o mundo social, expõe um corpo tornado estranho à cidade e às relações que o formaram. A cidade natal, antes figura de repouso e pertencimento, ergue-se como um espaço de exclusão, como se o sujeito retornado da guerra fosse um corpo órfão de sentido. Mais uma vez, Canguilhem (2009) leva a compreender essa rejeição: ao perder sua função bélica, o corpo do sujeito passa a ser interpretado como patológico, inadaptado à normalidade civil. Além disso, nesse trecho, o narrador expressa a inutilidade de sua experiência e de seu sofrimento para a sociedade civil. O retorno à vida civil se torna um processo de apagamento da memória,

uma rejeição à experiência traumática adquirida na guerra. Canguilhem (2009) argumenta que o sujeito, ao ser exposto a uma realidade que não reconhece sua experiência como normal, vê-se afastado da sociedade, sendo tratado como um sujeito patológico. Tudo que foi "adquirido" na guerra, por conveniência de expressão, torna-se irrelevante, pois não corresponde à normalidade social pós-guerra.

O colonialismo, que incentivou a guerra como parte de uma lógica de exploração econômica, não assume a responsabilidade pelos traumas e as cicatrizes deixadas nos soldados. Eles são excluídos do contexto pós-colonial, como se sua participação na construção dessa ordem social fosse desnecessária. Nesse contexto, o colonialismo português e a economia colonial se manifestam na forma de esquecimento e de exclusão dos sujeitos-operadores. No próprio campo de batalha, os combatentes enunciam o desdém que está por vir:

— Uma doença, doutor — insistia o tenente -, anemia, leucemia, reumatismo, cancro, bócio, uma doençazeca, uma doença de merda que me passe à reserva: o que fazemos nós aqui? Você já se perguntou o que fazemos aqui? Pensa que alguém nos agradece, não, porra, escute lá, pensa que alguém nos agradece? (Lobo Antunes, 2007, p. 76).

O paradoxo do colonialismo em *Os cus de Judas* é claro: enquanto a guerra colonial é motivada por interesses econômicos e de dominação, os soldados, que são peças essenciais dessa lógica, são tratados como resíduos uma vez que a guerra termina. São abandonados pela sociedade que se beneficiaria da sua participação na guerra, mas que não tem interesse em lidar com as consequências dessa ação. O colonialismo não só utiliza os corpos-si dos soldados, como também tenta apagar suas histórias e memórias, tornando-os figuras subalternizadas, espectros inconvenientes, invisíveis na narrativa dominante. Eles são esquecidos e se tornam fantasmas ambulantes, tratados como enfermos mentais de um passado que a sociedade prefere apagar.

Outro estudo de Vecchi, *A arma da teoria. Pensamento africano e literatura* (2020), oferece uma

reflexão sobre o papel do pensamento africano na literatura contemporânea, abordando como esta pode ser uma ferramenta para compreender as estruturas de poder, especialmente no contexto pós-colonial. Esse artigo, vale lembrar, dialoga diretamente com *Os cus de Judas*, pois problematiza as consequências da guerra colonial, a memória traumática, a violência e as tensões pós-coloniais em Portugal e nas suas ex-colônias. Nesse horizonte, a pós-colonialidade, tal como articulada por Vecchi a partir da literatura africana, revela-se um processo de desconstrução e reinvenção das identidades coloniais e pós-coloniais, aproximando-se do gesto analítico ficcional de Lobo Antunes. Sua narrativa, ao evidenciar o colapso subjetivo do soldado retornado, não apenas desvela as ruínas do império, mas denuncia a persistência da lógica colonial no corpo e na linguagem. A figura do sujeito-operador emerge, então, como um paradoxo histórico: ele é operador da guerra, mas, também, tragicamente, seu (sujeito) resíduo, seu (sujeito) resto.

É neste ponto que a leitura de Gayatri Spivak se torna fundamental. A autora observa que

Nós, pessoas coloniais de países anteriormente colonizados, somos capazes de nos comunicar umas com as outras (e com os metropolitanos) para efetuar trocas estabelecer sociedade porque tivemos acesso a dita cultura do imperialismo. Deveríamos, então, atribuir a essa altura certa medida de "sorte moral"? Creio que não possa haver dúvidas de que a resposta é "não". Esse "não" impossível, oferecido uma estrutura que praticamos ao mesmo tempo que habitamos ultimamente, é a posição desse construtiva, da qual após com unidade é uma instância histórica (Spivak, 2022, p. 232).

Nesse sentido, *Os cus de Judas* inscreve-se no mesmo gesto crítico: o sujeito pós-colonial não se liberta da estrutura colonial, senão que ele a denuncia enquanto a habita. A literatura, como mostra Vecchi, e como Spivak sustenta, torna-se o espaço tenso em que a linguagem do colonizador é, ao mesmo tempo, instrumento de crítica e prisão simbólica. A posição do sujeito-operador na narrativa de Lobo Antunes é, portanto, a de um corpo-si que fala desde dentro do trauma, porém cuja fala carrega a impossibilidade de se

desligar completamente da máquina colonial que o forjou.

### Considerações traumáticas

A violência da guerra colonial e o sofrimento dos ex-combatentes são temas centrais em *Os cus de Judas*, e o narrador, ao situar-se dentro dessa lógica bélico-econômica, constitui-se como figura que traz representação tanto da continuidade quanto da ruptura com o colonialismo. Os soldados são representados como sujeitos-operadores que, ao serem inseridos nessa ambientação de guerra, tornam-se peças em um jogo que é, ao mesmo tempo, econômico e político. A obra de Antunes, ao abordar o sofrimento, o trauma e a marginalização dos ex-combatentes, pode ser lida como uma crítica à incapacidade de Portugal, como ex-potência colonial, de lidar com os "resíduos" humanos dessa violência, que são as pessoas deixadas para trás após a guerra e o fim do colonialismo.

A *pós-colonialidade*, como observa Vecchi<sup>6</sup>, conecta-se diretamente com a temática de exclusão e marginalização presente em *Os cus de Judas*. O tratamento dos ex-soldados como seres humanos abjetos realça o que Vecchi, mais uma vez, aponta em seu artigo: a dificuldade de reconfigurar as identidades e as relações de poder no pós-colonialismo, especialmente quando se busca apagar ou silenciar os traumas e as consequências da violência colonial.

Esse processo de invisibilização dos ex-soldados de uma falida empresa colonial salazarista é uma reflexão do conceito de *pós-colonialidade* no sentido de que a sociedade portuguesa, ao lidar com o fim da guerra colonial, não consegue confrontar de maneira honesta o legado da violência colonial. Os soldados do exército português, enquanto sujeitos-operadores da guerra, tiveram suas habilidades e força de trabalho aproveitadas, mas, simbolicamente, tornaram-se

representantes do fracasso do esforço militar.

Vecchi também discute como as memórias do colonialismo e da violência são frequentemente apagadas ou distorcidas na literatura pós-colonial. O que ele sugere, e o que pode ser aplicado a *Os cus de Judas*, é que a memória da guerra colonial é seletivamente ignorada pela sociedade portuguesa. O narrador e os outros ex-soldados em *Os cus de Judas* não encontram um lugar para sua memória, seu sofrimento e suas experiências.

A guerra, na condição de uma ação bélica e econômica, cria um paradoxo em que os sujeitos-operadores, fundamentais para o funcionamento do sistema colonial, são descartados após o conflito. Esse processo de exclusão, como sugerido tanto teoricamente, por Vecchi, quanto ficcionalmente, por Lobo Antunes, traz à tona uma das grandes contradições do pós-colonialismo: a tentativa de negar o legado da violência e da opressão, ao mesmo tempo que os resíduos dessa violência continuam a marcar as sociedades pós-coloniais.

Assim como *Luuanda* de Luandino Vieira (2006); *O cão e os caluandas*, de Pepetela (2019); *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane (2021), que reconfiguram as comunidades e as identidades após as independências, a narrativa de *Os cus de Judas* reconfigura as identidades dos sujeitos-operadores lusitanos, que, após a guerra, são tratados como uma espécie de loucura ambulante na nova configuração da nação portuguesa, depois da ação bélica que deixou marcas profundas nas suas memórias.

Dessa forma, o conceito de *comunidade*, que Vecchi menciona, também se reflete em *Os cus de Judas*, no sentido de que a guerra colonial não apenas destrói fisicamente, mas também desintegra a ideia de uma comunidade coesa. A literatura como espaço de radicalidade, de reflexão sobre a exclusão e o esquecimento, é igualmente um espaço de resistência e de reconstrução de

<sup>6</sup> Esse artigo de Roberto Vecchi discute o pensamento africano nos países lusófonos, enfatizando como a filosofia africana, após a independência, não seguiu a mesma linha radical observada em outras partes da África, como nos países sob influência inglesa e francesa. Em vez disso, observa-se uma diferença nos processos de reflexão filosófica e política nos contextos pós-coloniais desses países. O foco do artigo está na literatura como um espaço em que esse pensamento radical se manifesta, em vez de na filosofia formal. Vecchi propõe que a literatura, especialmente em textos como *Luuanda* de Luandino Vieira, oferece fragmentos de um pensamento radical que pode ser mapeado através da língua portuguesa, ao abordar temas como comunidade e identidade no contexto pós-colonial.

identidades, mesmo que essas reconstruções aconteçam de maneira fragmentada e trágica, como é o caso de *Os cus de Judas*.

A análise de *Os cus de Judas* não apenas revela as complexidades da identidade dos ex-combatentes, mas, ainda, ilumina as fissuras na sociedade portuguesa em sua relação com o passado colonial. A figura do sujeito-operador, que emerge ao longo da narrativa, simboliza a interseção entre a experiência singular dos soldados e a narrativa coletiva do colonialismo. Por meio dessa abordagem, o texto denuncia como a sociedade muitas vezes silencia as histórias de dor e sacrifício dos que participaram da guerra, relegando-os a uma condição de invisibilidade. Assim, a obra se torna uma crítica poderosa à maneira como as memórias históricas são moldadas e manipuladas, destacando a necessidade de uma reconciliação honesta com o passado. Ademais, o conceito de *monumentalização do nome*, discutido na introdução, contrapõe-se à experiência vivida dos ex-combatentes, que se tornam meras sombras na narrativa nacional.

A representação do trauma e da marginalização na obra de Lobo Antunes convida o leitor a reconsiderar a complexidade do legado colonial, que não se limita a uma crítica superficial, contudo adentra nas feridas abertas da sociedade. Portanto, ao oferecer uma visão do *tremendum horrendum*, a narrativa encoraja os leitores a refletirem sobre a responsabilidade coletiva no que concerne às memórias esquecidas e aos corpos que, após o fim dos conflitos, continuam a carregar o peso da história. Este chamado à memória é vital para o entendimento não apenas dos resíduos do colonialismo, mas também das possibilidades de cura e reconciliação que podem surgir a partir dessa conscientização.

Assim, *Os cus de Judas* não apenas revisita os escombros de uma guerra apagada, como também convoca a uma leitura ética e comprometida com o reconhecimento dos sujeitos que dela participaram e foram posteriormente descartados. Ao plasmar o trauma e a exclusão, por meio da figura do sujeito-operador analisada, Lobo Antunes constrói uma narrativa que recusa o

esquecimento e confronta a indiferença histórica. A literatura, nesse gesto, afirma-se tanto como potência crítica e espaço de denúncia quanto possibilidade de escuta e elaboração. Concluir essa leitura e analisar esse livro é reconhecer que o passado colonial, longe de encerrado, continua a reverberar nos corpos e nas memórias silenciadas, exigindo de nós, leitores e cidadãos, um posicionamento em relação às continuidades da violência e à urgência de reconstruir sentidos de pertencimento e de justiça histórica. Nesse sentido, a crítica literária não pode se furtar à sua dimensão política: ler *Os cus de Judas* é também aceitar o desafio de reconstituir narrativas que foram obliteradas pelo pacto colonial. Ao se reconhecer o sujeito-operador como figura liminar entre técnica, corpo e história, abre-se um campo fértil para pensar a literatura como prática de justiça simbólica e resistência epistemológica diante dos apagamentos da memória oficial.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Homo Sacer II, I. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer*. O poder soberano e vida nua I. São Paulo: Boitempo, 2010.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. Glossário da ergologia. *Laboreal*, [s. l.], v. 4, n. 1, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LOBO ANTUNES, António. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PEPETELA. *O cão e os caluandas*. São Paulo: Kapulana, 2019.
- RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da história e da ficção. In: RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997.
- CHIZIANE, Paulina. *O sétimo juramento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2021.

SCHWARTZ, Yves. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul./set. 2014.

SOFISKY, Wolfgang. *Saggio sulla violenza*. Torino: Einaudi, 1998.

SOUSA, Sandra. Memórias autobiográficas: de *Os Cus de Judas* a *Caderno de memórias coloniais*. *Romance Notes*, Chapel Hill, v. 63, n. 2, 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Crítica da razão pós-colonial: por uma história do presente fugidio*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2022.

VECCHI, Roberto. A arma da teoria. Pensamento africano e literatura. *Veredas*, [s. l.], v. 33, 2020.

VECCHI, Roberto. Se as vozes não voltam não se escreve este livro: África, sobrevivências e a monumentalização do nome em Comissão das Lágrimas de Antônio Lobo Antunes. *Santa Barbara Portuguese Studies*, Santa Barbara, v. 6, 2021.

VIEIRA, Luandino. *Luuanda: estórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

WISNER, Alain. A antropotecnologia. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 6, n. 16, 1992.

ZEVI, Adachiara. *Monumenti per difetto: dalle fosse ardeatine alle pietre d'inciampo*. Roma: Donzelli, 2014.

### Éderson de Oliveira Cabral (Éder Cabral)

Doutor em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, com período sanduíche no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas Modernas Universidade de Bolonha - UNIBO; Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS; Especialista em Língua Espanhola pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS; Licenciado em Letras-Português/Espanhol pela UNISINOS. Possui experiência no ensino de Língua Portuguesa, Língua Espanhola e respectivas Literaturas. Atualmente, tem como área de concentração os seguintes temas: literatura contemporânea; literatura, trabalho e cidadania; literatura e testemunho; intervenções e experiências estéticas (interface com produtos culturais e texturas sonoras), poética especulativa decolonial, letramento e alfabetização linguística/ELE, sala de aprendizagem contínua. Além disso, realizou Estágio Pós-doutoral, no projeto de pesquisa intitulado "Uma breve trajetória da literatura brasileira conjugada pela ótica do trabalho", sob a supervisão do Prof. Dr. Ernani Mügge, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, no período de agosto de 2021 até agosto de 2023. Atualmente, desenvolve a o projeto "Exploração de linguagens, criação artística e novos suportes com inteligência artificial na Indústria Criativa" (2024-2027) no Programa de Pós-Graduação Profissional em Indústria Criativa, sob a supervisão de Daniel Conte; além de ser doutorando no PPGLT-UFRGS em Estudos da Literatura. Ademais das atividades acadêmicas e docentes, é agente cultural, poeta e ensaísta. Por fim, com suas criações literárias, já recebeu diversos prêmios, o principal deles, o Desafio Literário (2023, 2º lugar; 2024, 3º lugar), organizado pelo Instituto Estadual do Livro (IEL/RS).

### Daniel Conte

Acredita em uma sociedade laica em que cada sujeito tenha a liberdade de narrar-se desde sua condição imaginária. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Professor Titular do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, além de exercer a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. É membro do Comitê de Assessoramento da área Interdisciplinar (2025-2027) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul, onde atuou no Comitê de Assessoramento, exercendo a vice-coordenação da área de Artes, Letras e Linguística (FAPERGS - 2019-2024). É parecerista *ad hoc* da CAPES, CNPq, FAPESP (São Paulo), FAPESC (Santa Catarina), FAPES (Espírito Santo) e FAPERGS (Rio Grande do Sul). Realizou Doutorado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africana e Mestrado em Literatura Comparada, além da graduação em Letras Português-Espanhol e suas Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale, atuando nos Programas de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e Indústria Criativa. Orienta bolsistas de Iniciação Científica (CNPq e FAPERGS). É Professor Visitante no PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Pós-colonialismo e identidades. Como pesquisador, está vinculado aos grupos de pesquisa Linguagens e Manifestações Culturais e Indústria Criativa (Universidade Feevale) e ao SUTRA – Subalternidades, Transculturalidade e Perspectivas Decoloniais (UFPE), ademais de ser parecerista e membro de corpo editorial de importantes revistas científicas no país. É membro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), da American Portuguese Studies Association (APSA), da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), da Deutscher Lusitanistenverband (DLV) e da Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC). Tem experiência na área de Letras com ênfase nas Literaturas em Língua Portuguesa, atuando nos seguintes temas: Comparativismo Literário, Literatura e Economia, Literatura, Colonialismo e Pós-colonialismo; Mito e Literatura; Literatura, História, Identidade e Intertextualidade; Guerras Coloniais Africanas. Tem publicado regularmente suas pesquisas por meio de artigos científicos, capítulos e livros.

### Endereço para correspondência

#### ÉDERSON DE OLIVEIRA CABRAL

Avenida da Azenha, 317/01, Azenha, 90160-000  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

#### DANIEL CONTE

Avenida Ganzo, 745/501, Menino Deus, 90150 071  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*